



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Departamento de Jornalismo

Projeto de Pesquisa

1. Dados de Identificação

Título: Estudos em Telejornalismo: Linguagem, Tecnologia e Inovação

Pesquisadora proponente: Cárilda Emerim

Área de titulação máxima da proponente: Doutora em Comunicação e Processos Midiáticos

E-mail da proponente: carlidaemerim@gmail.com; carlidaemerim@ufsc.br

Telefone Institucional: (48) 37212373

Telefone Particular: (48) 32245104 / (48) 91541115

Instituição responsável: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Área CNPq: 6.00.00.00-7 Ciências Sociais e Aplicadas

Subárea CNPq: 6.09.00.00-8 Comunicação
6.09.03.00-7 Rádio e Televisão

Duração do Projeto: 36 meses

Período Previsto: De Agosto de 2017 a Agosto de 2020

1.1 – Preâmbulo

Os professores dos cursos noturnos eram mais práticos do que os dos diurnos; em vez de ensinar teorias sobre transistores, Kleinrock se lembra do professor explicando que eram sensíveis ao calor e como ajustá-los para a temperatura esperada quando se projetava um circuito. “Coisas práticas como essa a gente nunca aprenderia nos cursos diurnos”, disse ele. “Os professores simplesmente não sabiam disso”. (ISAACSON, 2014, p. 257).

A frase acima, retirada do meio de um livro que narra a história de diferentes pessoas, seus estudos e inventos que contribuíram para a revolução digital, poderia muito bem referir-se a uma crítica divergente e corrente no campo do ensino acadêmico, a relação entre a teoria e a prática.

No campo do jornalismo, em especial aos cursos de graduação, a Universidade Federal de Santa Catarina foi corajosa e inovadora quando, no final dos anos 80, permitiu a um grupo de professores do então Departamento de Comunicação Social – habilitação Jornalismo realizar, talvez, a maior revolução educacional no ensino de jornalismo no país. Não obstante as brigas políticas pelas áreas de base e a manutenção de um modelo hegemônico, o modelo de ensino proposto e executado, pelo depois definido como Departamento de Jornalismo, reconheceu e enfrentou o problema da formação profissional de jornalistas e passou a devolver para a sociedade e para o mercado de trabalho, reconhecidamente, egressos mais capacitados.

A revolução que se aponta priorizou iniciar os calouros, desde as primeiras fases, nas práticas básicas da atividade, concomitante ao ensino teórico. Ao invés de metade do tempo dedicado aos estudos teóricos e a outra metade dividida entre teoria e exercício prático, aumentou-se a prática e os estudos teóricos mais específicos em torno do jornalismo.

O modelo provou que o fazer aliado com a reflexão teórica desde o início do processo de ensino de uma profissão, amplia a capacidade de aprendizado e demonstra aos alunos que, para fazer melhor, é preciso praticar e pensar, em proporção contínua e crescente, ou seja, quanto mais se domina o processo do fazer (a prática) mais se exige pensar como fazer mais e melhor (teoria), resultando, naturalmente, num aprimoramento técnico.

A crítica de Kleinrock é a de que enquanto os professores do diurno teorizavam, os do noturno mostravam a teoria em ação nos objetos de estudo. No jornalismo, comprovadamente, esta experiência prática aliada com a reflexão teórica está no “curso diurno”, faz parte da natureza do ensino de jornalismo do Departamento de Jornalismo da UFSC e é o grande diferencial que o fez tornar-se, há mais de 20 anos, referência em excelência de ensino.

E não só no ensino, também na extensão este modelo se efetiva, como um espaço de exercício e treinamento mais próximo da vivência e da rotina do trabalho, e passou a obter reconhecimento externo pela eficácia de seus projetos e o resultado produtivo em atividades e produtos. Aliás, resultados estes, amplamente premiados em certames regionais, nacionais e, até mesmo, internacionais. No âmbito da pesquisa científica, esta escolha e modelo permitiu a fundação, em 2007, do primeiro Programa de Pós-Graduação em Jornalismo do país, obviamente com área de concentração em Jornalismo; e, mais recentemente, em 2013, o primeiro Doutorado no campo específico do Jornalismo.

Com este preâmbulo se quer enfatizar o lugar de fala desta pesquisa e, mais ainda, marcar uma posição ideológica em favor da especificidade do Jornalismo como campo de conhecimento autônomo que, embora tenha na comunicação um fundamento funcional, não está a ela subjugado. Trata-se de um campo de conhecimento novo e, como tal, em estruturação de suas matrizes originais, buscando constructos teóricos e epistemológicos que o subsidie para além do que já está posto e que respondem, muitas vezes, a áreas mais amplas, não aos seus problemas específicos.

Uma outra posição aqui assumida refere-se a relação que se estabelece, no âmbito da pesquisa, entre teoria e prática bem como o objetivo fim dos resultados alcançados. Trata-se de compreender a pesquisa em jornalismo como um espaço de dupla via, que permita o fortalecimento dos constructos teórico-metodológicos e epistemológicos do jornalismo e cujos resultados possam reverberar na sociedade e no mercado profissional, efetivando as funções primeiras que tem o ensino (formar), a extensão (experenciar) e a pesquisa (questionar e trazer soluções).

Portanto, o projeto que ora se apresenta além de ser uma proposta ampla que já prevê várias etapas, também assume o compromisso de pesquisar o jornalismo para o jornalismo, buscando responder as questões mais inerentes da problemática deste campo, em específico, com o objetivo principal de contribuir para estudos originais e

conceituais deste campo do conhecimento. A saber, dentro do jornalismo, com mais centralidade nos objetos do telejornalismo, ou no jornalismo para telas e os textos-produtos jornalísticos televisivos surgidos e/ou distribuídos em diferentes plataformas.

Assim, respeitando, portanto, o espaço em que se situa esta pesquisa, qual seja o Departamento de Jornalismo e o Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, reitera-se a crença na criação, produção e circulação de produtos piloto que servem de testagem para os estudos e investigações em torno do jornalismo televisivo, que se desenvolve nos últimos anos.

Desta perspectiva, surge então o macro projeto **Estudos em Telejornalismo: Linguagem, Tecnologia e Inovação** que enfatiza a análise da produção de conteúdo televisivo produzido no âmbito do telejornalismo – jornalismo para telas – em diferentes plataformas, com o objetivo de propor três grandes eixos de realização: *primeiro*, aquele que se dedica a estudos conceituais e de metodologias de análise com vistas a entender a complexidade dos textos jornalísticos televisivos, partindo de suas especificidades e características de produção; *segundo*, aquele que busca investigar os marcos históricos do sistema televisual (não só jornalístico) e das produções considerando seu contexto sócio-histórico e cultural; *terceiro*, aquele que examina o sentido e sistematiza não só o percurso de geração de sentido como os efeitos de sentido pretendidos.

Para tanto, utiliza-se da Semiótica Discursiva como teoria de base, fundada em Algirdas Julien Greimas (1978; 1989) e Louis Hjelmslev (1978) e semioticistas mais atuais que seguem estes pressupostos como Paolo Fabbri, Eliséo Verón, Patrick Charaudeau, Eric Landowski, Elizabeth Duarte, Maria Lília Dias de Castro, Sandra Ramalho e Oliveira, Arlindo Machado, François Jost, Cebrián Herreros, Lorenzo Vilches, Omar Calabrese, entre outros, e articula com outros métodos e teorias para potencializar os estudos investigativos propondo aprofundar os resultados analíticos e os modelos/protocolos investigativos a serem enfrentados. Do ponto de vista teórico, considera-se que toda a produção midiática é discursiva e, portanto, a pesquisa centra a ênfase no exame desse nível, o discursivo, para compreender o processo de produção de sentido dos textos jornalísticos televisivos, textos midiáticos por natureza.

Nesse propósito, adota, também, a Pesquisa Aplicada (THIOLLENT, 1995) e o Estudo de Caso (YIN, 2005) ao experimentar e experienciar a produção de produtos e materiais testando as premissas investigadas e os resultados da pesquisa na sociedade. Quer dizer que, para assegurar a investigação científica do objeto empírico, a produção

jornalística televisiva em diferentes plataformas, a proposta também contempla a produção de produtos experimentais (programas piloto) com base nos resultados alcançados no processo de investigação e com vistas à testagem dessas acepções.

Com a complexidade da estrutura das produções jornalísticas televisivas, a inerente presença da televisão na vida dos cidadãos e o acesso quase ilimitado tanto ao aparelho tradicional como também aos conteúdos a partir de outras plataformas (celular, computadores *móviles*, etc.), torna-se imprescindível estudar este contato permanente e os produtos que estão nesta relação. Assim como reconhecer que há muito ainda a ser feito em termos de desenvolvimento de propostas teórico-metodológicas e de modelos de análise para dar conta desta complexidade. Aliás, interessa investigar não apenas o acesso e o contato direto que intervém neste processo, mas a própria possibilidade que o receptor assumiu de produção de materiais, autônoma aos meios, deixando de ser uma oferta unilateral.

É nessa direção que se posiciona esta macro pesquisa ao ter como meta desenvolver proposições teóricas, metodologias de análise e experimentos que contribuam para os três âmbitos que envolvem o trabalho acadêmico: o ensino, a extensão e a pesquisa; e, de quebra, instrumentalizar os profissionais que atuam ou atuarão no mercado. Para dar conta desta macro proposição se busca sistematizar reflexões de teóricos que adotam a Semiótica Discursiva aliada aos estudos da imagem e da produção jornalística televisiva (que faz parte das produções midiáticas contemporâneas) considerando, também, as propostas teóricas e metodológicas já desenvolvidas pela proponente nos últimos vinte anos¹ com vistas a contribuir para o campo do jornalismo e sua epistemologia específica.

A proposta quer atender a acepções que possam servir tanto ao universo acadêmico científico quanto ao mercado profissional, por isso, estabelece as áreas da História dos Meios, da Tecnologia, das Linguagens e da Inovação bem como as ações/atividades que se direcionam ao desenvolvimento de formas eficientes de ensino, de modelos de práticas experimentais através da extensão e de constructos teóricos metodológicos. Por fim, espera-se que os resultados possam subsidiar não só o campo acadêmico quanto o mercado jornalístico e seus profissionais na produção de conteúdo

¹ A proponente já apresentou em projeto anterior à trajetória de pesquisa e vêm, desde 2011, junto a UFSC, produzindo pesquisa em torno do restabelecimento histórico do telejornalismo no estado Catari-

jornalístico mais qualificado, comprometido com a ética, com a função social do jornalismo de informar para produzir conhecimento que promova o desenvolvimento sócio cultural.

Depois de explicitadas essas questões e marcadas, com clareza, as escolhas da pesquisa, adota-se, para fins operacionais, a nomenclatura de Fases para evidenciar as etapas determinadas em cada período de investigação que se irá realizar. Diante do exposto, parte-se, a seguir, para a apresentação da pesquisa **Estudos em Telejornalismo: Linguagem, Tecnologia e Inovação** - Fase 1, com período de duração de 36 meses, de 01 de Agosto de 2017 a 01 de Agosto de 2020.

2 - Apresentação:

O presente projeto de pesquisa, intitulado **Estudos em Telejornalismo: Linguagem, Tecnologia e Inovação – Fase 1**, liga-se à Linha de Pesquisa número 2 (dois), **Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo**, do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (POSJOR) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e será desenvolvida junto ao Departamento de Jornalismo (JOR) da UFSC.

É preciso informar que este tema vem sendo tratado por esta pesquisadora desde 1998, portanto, o projeto é uma proposta ampla que não só reúne essas investigações em torno da produção televisiva no Brasil como também prevê diferentes etapas e fases a serem desenvolvidas com vistas a enfrentar o estudo do objeto teórico desta proposição que são as produções jornalísticas televisivas em diferentes plataformas, em seus diferentes gêneros, subgêneros e formatos e as relações que estabelece com o ensino, a pesquisa e a extensão em Jornalismo para Telas, ou Telejornalismo.

Trata-se do registro de uma macro proposta com a demarcação de uma primeira fase que vai evidenciar um dos aspectos específicos deste grande percurso de pesquisa que se prenuncia. Não obstante, o roteiro de investigação é basilar (na semiótica) e propõe uma condução teórico-metodológica sobre a produção televisiva, cujos aspectos englobam desde o contexto histórico de surgimento do meio e do mercado (contexto) quanto questões mais específicas (conteúdo e expressão) de seus modos de produção,

tecnologia, linguagens, elementos inovadores e de estruturação estilística (estética e artística), como já se reiterou.

O ingresso da proponente na Universidade Federal de Santa Catarina com o registro da primeira pesquisa nesta instituição **O Telejornalismo em Florianópolis: história e modos de produção** deu continuidade a um trabalho de âmbito histórico que já vinha sendo desenvolvido na instituição anterior (Universidade Federal do Pampa/RS), cujos alicerces estavam muito próximos da história dos meios e dos realizadores precursores do telejornalismo catarinense. A pesquisa **O Telejornalismo em Florianópolis** estava ligada também a uma macro proposta que se intitulava **Estudos Audiovisuais: a Televisão em Santa Catarina** que pretendia imergir na *produção televisiva do estado catarinense* com vistas a enfrentar os desafios de *restabelecer os marcos históricos da implantação das emissoras de televisão* como também os de *buscar compreender os modos específicos de produção e os efeitos de sentido pretendidos*.

Com a estrutura da UFSC e a admissão junto ao Programa de Pós-graduação em Jornalismo, o tema desta pesquisa mostrou-se mais amplo e exigiu um maior aprofundamento do que se previu inicialmente; além de expor outras perspectivas de estudos que embora estivessem entre as preocupações anteriores, não tinham recebido a ênfase necessária. Nesse seguimento, também os estudos realizados junto ao Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele), certificado pela UFSC e pelo CNPq, bem como o ingresso da pesquisadora na Rede Internacional de Pesquisadores em Telejornalismo, Rede TELEJor, permitiram agregar outras acepções ao escopo dos trabalhos e, por exemplo, os termos e os conceitos empregados foram ganhando mais contextualizações e aprofundamentos teóricos, além de serem testados em encontros e eventos da área.

Por isso, no meio do desenvolvimento desta pesquisa, outras duas foram cadastradas e desenvolvidas de forma concomitante. Como resultado destas reflexões críticas, ao longo das pesquisas entre 2011 e 2015, o termo audiovisual foi contextualizado e descartado do uso no jornalismo por uma questão de respeito e de pertinência a um termo que já é do jornalismo – o telejornalismo. E, com a pesquisa **Telejornalismo: formatos em novas plataformas** pode-se perceber a confluência, a convergência e as novas modalidades discursivas, pois foi um estudo aprofundado e

pontual sobre os formatos mais comuns de telejornalismo que estão sendo disponibilizados, via internet, por diferentes produtores, profissionais ou não.

Outra pesquisa, **Conteúdo Jornalístico Multiplataforma Convergente: Pesquisa e Produção** foi uma proposta de coordenação coletiva, envolvendo três professoras do Departamento de Jornalismo (além da proponente, as professoras Rita Paulino e Valci Zuculotto), com o objetivo de produzir conteúdo jornalístico multiplataforma e convergente articulando e desenvolvendo estudos sobre a tecnologia, a linguagem e a inovação nas diversas mídias jornalísticas e aplicá-las no contexto educacional empregando, para tanto, as práticas jornalísticas como apoio aos processos tanto produtivos quanto pedagógicos reverberando na sociedade (a popularização da ciência através da divulgação jornalística de conteúdos científicos) e no próprio campo em seus aspectos de ensino, pesquisa e extensão.

Neste núcleo de trabalho de produção de conteúdo jornalístico multiplataforma e convergente, agregaram-se dois Grupos de Pesquisa das proponentes, a saber, Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele) e o Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (GIRAFa) bem como o Projeto de Extensão Laboratório de Suporte e Desenvolvimento de Produtos Jornalísticos (LabProJor). As atividades desenvolvidas neste núcleo de produção constituíram-se num ambiente de pesquisa aplicada, com estudo prático, ensino e aprendizagem no contexto da convergência midiática jornalística, com o claro propósito de integração graduação/pós-graduação, com vistas à produção de experimentos em torno da grande reportagem multimídia para funcionar em diferentes plataformas. Como se trata de uma proposta coletiva, ele muda de coordenação a cada ano, para privilegiar a mudança e a oxigenação do projeto. Assim, o projeto hoje (2017-2018) está sob a coordenação da professora Valci Zuculoto, que fica responsável pelo registro e pela logística de buscar diferentes fomentos para essa pesquisa.

Toda esta experiência respalda as mudanças e evoluções ocorridas na linha de trabalho da pesquisadora e sustentam a presente proposta. Acredita-se que o permanente e intenso contato da sociedade com os produtos televisuais, contato esse potencializado pela internet e pelas redes sociais só ajudam a reiterar a importância da televisão neste contexto.

Em outra direção, a da estrutura narrativa televisual e seus textos complexos, adotados e reconfigurados para a exibição/disponibilização/circulação na internet com-

provam a pertinência de estudos que se interessem por analisar este tipo de produto jornalístico televisivo. E, ao mesmo tempo, centrar o foco nos aparatos teórico-metodológicos a disposição dos analistas ou, então, desafiar-se à proposição de novas perspectivas diante dos escassos e, muitas vezes, reduzidos métodos para enfrentar a complexidade, a hiperbolização e hibridação dos textos televisivos contemporâneos, principalmente aqueles que se destinam ao jornalismo ou ao que se define telejornalismo, o jornalismo para telas.

2. Justificativa

As **razões gerais que justificam** a pesquisa **Estudos em Telejornalismo: Linguagem, Tecnologia e Inovação – Fase 1**, remetem a diferentes ordens, sendo 1) ao interesse do tema como objeto de estudo e investigação contemporâneo uma vez que, os contextos reconfiguradores do telejornalismo na atualidade ao mesmo tempo que colocam em xeque práticas padronizadas e reiteradas também abrem espaço para novas possibilidades produtivas de sentido; 2) a necessidade de aprofundamento e especificidade aos trabalhos teórico-metodológicos que, frente ao diferente, carecem de propostas mais rigorosas que permitam enfrentar a análise deste tipo de texto jornalístico televisivo; 3) a escassa bibliografia sobre o tema de metodologias de análise de telejornalismo – como o jornalismo para telas; 5) a necessidade de aperfeiçoamento profissional da pesquisadora, que vem 5.1) orientando alunos nos diferentes níveis acadêmicos sobre o objeto televisivo com o aporte semiótico e, 5.2) orientando e produzindo programas jornalísticos televisivos experimentais para diferentes plataformas; 6) a experiência anterior nesta área de pesquisa cujos resultados abriram novas perspectivas de continuidade para a investigação, agora centrando o interesse nas metodologias e na inovação.

As **razões mais específicas que justificam** essa pesquisa são: (1) embora se tenha preconizado o fim da televisão, ela tem se mostrado o suporte mais produzido pelo espectador comum e o mais acessado via internet, o que reitera o fato de que os brasileiros mantêm a preferência neste veículo para buscar informação e entretenimento, sendo assim, estudar este tipo específico de produto jornalístico televisivo é extremamente relevante; 2) como em projetos anteriores, reitera-se, aqui, que a televisão tem um campo aberto de estudos para ser aprofundado partindo do ponto de vista

de seus *processos de produção*, considerando as especificidades de seu fazer, suas características, aspectos e desdobramentos, o mercado que a insere e o qual insere, o público a que destina seus produtos e mensagens, pois as reflexões oriundas desta proposta podem contribuir para a potencialização de estudos menos idealizados na academia bem como na aplicabilidade deles em sala de aula, na formação de novos jornalistas ou de especialistas em jornalismo bem como refletir nos profissionais que atuam no mercado com vistas a fomentar fazeres mais qualificados.

É preciso deixar claro que esta pesquisa específica, **Estudos em Telejornalismo: Linguagem, Tecnologia e Inovação – Fase 1**, surge da experiência desenvolvida junto a resultados obtidos em produtos jornalísticos televisivos tanto em Projetos de Extensão no Curso de Jornalismo bem como na observação sistemática da tentativa de adaptação dos meios tradicionais de produção jornalística a este novo contexto. E, ainda, o surgimento de novos formatos através de rede sociais e/ou outros indivíduos que disponibilizam experimentos via internet e principalmente em canais do Youtube. Este contexto permite refletir sobre a produção televisual na contemporaneidade bem como sobre a formação destes novos telejornalistas que parecem estar num aspecto intermediário entre *gamers* e *youtubers*.

Em meio a esta situação, os meios imagéticos são os que mais experimentam todas essas mudanças. A cada nova invenção, novas possibilidades narrativas, novas formas de mostrar/exibir/representar/apresentar o mundo, suas palavras e coisas, para o próprio mundo. Um impacto enorme para o telejornalismo, visto que ele é fortemente padronizado pela linguagem, influenciado, diretamente, pela tecnologia e refém, eterno, da inovação. Portanto, um cenário de crise. Talvez a maior mudança social esteja, exatamente, no ser humano e em seu poder de estar conectado ininterruptamente, há milhares de outros seres humanos em diferentes espaços pelo mundo.

Este público receptor das produções jornalísticas televisivas, frente a esta conectividade e intermediação descentralizada, tem se mostrado eclético e volátil, não se fidelizando a um produto ou programa. Alvin Tofler (1980²) cunhou o termo *Prosumer* para designar aquele consumidor produtor que foi se desenvolvendo ao longo dos anos 90 e, na atualidade, pode-se assumir o termo *Prosumer pro*, ou seja, o consumidor produtor transmissor/divulgador. Uma ideia, ainda não tornada conceito,

² TOFFLER, Alvin. **A terceira onda**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

mas que enfatiza a necessidade do consumidor/telespectador ver aquilo que ele deseja no telejornalismo, se não encontra, produz e publica, ele mesmo, em outros espaços tirando da mídia tradicional o poder único de exibir produções. Além de produzir e exibir, o telespectador quer também aparecer nas produções, um desejo antigo desde que a televisão surgiu: os telespectadores querem fazer parte do mundo televisivo, ser alguém neste universo midiático. Esta possibilidade, trazida pela internet, pelas redes sociais como *Facebook* e *Youtube*, ratificam esta mudança social e potencializam novas narrativas, a interlocução do público com o jornalismo de televisão.

É, nesta direção, que a presente pesquisa enfatiza o olhar e tenta contribuir na proposta de mapear e sistematizar dados que permitam conceituar e pensar metodologias de análise para este tipo de texto.

3. Problematização e Premissas de trabalho

O jornalismo se apresenta como um campo relativamente novo de investigação se considerar a discussão dicotômica que o engendra definindo-o enquanto uma forma de conhecimento ou como uma prática do fazer. Pela perspectiva mais pragmática, sua função e especificidade parecem estar inseridas na grande área da comunicação, mas, ao mesmo tempo, do ponto de vista da forma de conhecimento, os aparatos comunicacionais parecem apenas estar a serviço de sua operacionalidade.

Outra questão a ser levantada refere-se aos modelos de análise dos objetos jornalísticos que, muitas vezes e de modo geral, por desconsiderarem esta relação (forma de conhecimento específica e a função prática), não conseguem dar conta do tipo de produto resultante do jornalismo, partindo, assim, de pressuposições idealizadas cujas comprovações engessam a pesquisa e em pouco ampliam as premissas já existentes. Longe de encerrar a discussão ou mesmo de assumir um dos lados destas perspectivas, acredita-se que o jornalismo é uma forma de conhecimento que se efetiva pelas suas práticas específicas e a função social que exerce nas sociedades modernas. É, portanto, um campo de estudos que se permite estar no interior da comunicação como também autônomo dela, enquanto área das Ciências Sociais Aplicadas, embora se efetive a partir de atos e processos comunicativos, mas devendo ser compreendido a partir da sua totalidade e

modo específico: produção, exibição/circulação e recepção de produtos e processos jornalísticos.

Em outra direção, toda vez que uma nova tecnologia surge os seres humanos tendem a profetizar a vida e a morte de tudo que a envolve. Os meios de comunicação, de modo geral, sempre estiveram atrelados à tecnologia e às suas evoluções, assim como o jornalismo. Mas, sem dúvida, os meios imagéticos foram os que mais sofreram com todas essas mudanças. Como já se apontou, a cada nova invenção, abrem-se novas possibilidades narrativas e, em meio a este turbilhão um tanto quanto entrópico, encontra-se o jornalismo de televisão, ou o telejornalismo, que surgiu, ele próprio, como uma grande inovação, pois, a partir do suporte televisual, se permitia a exibição ao vivo dos acontecimentos através do aparelho de tele-visão no interior das casas, trazendo as histórias do mundo para o cotidiano, para a intimidade, bem perto dos expectadores. Ao longo do tempo, com o barateamento dos aparelhos e a ampliação dos sinais de transmissão no interior do Brasil, o telejornalismo foi se constituindo, junto com o a própria mídia televisiva, uma referência em cultura, informação e entretenimento para uma grande parcela da população brasileira. Ao mesmo tempo, também, consolidando-se como mídia hegemônica e forte influenciadora dos movimentos e crenças da sociedade brasileira, a partir do seu surgimento nos anos 50.

Como já se disse em recente publicação³, essa capacidade de expressão da televisão sempre esteve ligada ao seu dispositivo, a imagem em movimento, ao seu meio técnico de produção e a sua forma narrativa. Cada nova possibilidade ou mesmo restrição, trazia outras características ao processo produtivo. As mudanças nos equipamentos de captação, edição e reprodução de imagens, desde os primórdios - com películas e processos cinematográficos - até a atualidade, com a alta resolução e o processo de virtualização digital, foram cruciais ao processo de produção televisual, principalmente, para o **Telejornalismo**.

Há alguns anos, partindo da premissa do jornalismo como uma forma de conhecimento, assumiu-se a perspectiva de que o telejornalismo precisa ser compreendido como uma disciplina dentro da ciência do jornalismo e, por isso, com possibilidades de ter seus conceitos específicos. Partindo desta perspectiva e assumindo a Semiótica como

³ A explicação sobre este processo integra o artigo publicado no livro da Rede de Pesquisadores em Telejornalismo, Rede TELEJor, no ano de 2015, que tematiza os 65 anos de Telejornalismo no Brasil, devidamente referenciado na bibliografia.

um campo teórico de base dos estudos e pesquisas, têm-se ensaiado diferentes aplicações da Semiótica Discursiva em torno dos objetos do jornalismo e, mais recentemente, em específico, do jornalismo para as telas, qual seja, o telejornalismo.

A televisão é um espaço de transições provisórias e, nesse contexto, o telejornalismo se constituiu nos últimos 65 anos como um espaço de muitas mudanças tecnológicas, algumas delas mais significativas para os modos narrativos (linguagem) dos produtos telejornalísticos do que outras. Algumas delas instituíram-se como inovação, outras não. Portanto, o presente projeto parte de algumas concepções, a partir das quais estabelece suas premissas de trabalho e os problemas os quais essa pesquisa pretende enfrentar.

Destarte, a primeira premissa assumida pela pesquisa prevê que a evolução ocorrida a partir dos processos produtivos tem contribuído pouco para a eficácia da notícia nas produções jornalísticas televisivas, de modo que obriga o analista a investigar a tecnologia e a inovação em torno deste processo histórico evolutivo bem como identificar e demarcar quais elementos e em que medida eles são participantes da notícia televisiva e interferem na linguagem jornalística nesta gama de produção.

A segunda premissa que se assume diz respeito ao jornalismo, em especial o televisivo, que surge e se distribui em diferentes plataformas, que tem na crise um elemento de pressão para mudanças nas rotinas produtivas do âmbito da produção, circulação e reconhecimento de notícias, de modo que obriga o analista a investigar a natureza dessa crise e o próprio conceito de crise nos textos-produtos jornalísticos televisivos.

A terceira premissa adotada refere-se ao sistema televisual que, como suporte comunicacional é o mais completo e acessível meio de produção de conteúdo jornalístico em circulação na atualidade para a maioria da população (não só a que acessa mas também a que produz), mesmo com os constantes e “ferozes” ataques em torno de sua condição massiva e hegemônica, de modo que obriga o analista a investigar as condições de produção e reconhecimento destas críticas pontuais ao processo produtivo e as relações que estabelece nos diferentes âmbitos de interesse desta pesquisa (ensino, extensão, pesquisa e mercado profissional) com os fazeres produtivos dos produtos jornalísticos televisivos em diferentes plataformas midiáticas.

4. Objetivos

A pesquisa proposta tem por **objetivo geral** o desenvolvimento de uma metodologia de análise dos textos jornalísticos televisivos produzidos/distribuídos em diferentes plataformas.

Tal metodologia será inspirada na Semiótica Discursiva, teoria que embasa os estudos da proponente, fundada na esteira de Greimas (1979; 1989) e Hjelmslev (1975) bem como de autores que seguem e ampliam suas proposições. Espera-se que a proposição metodológica a ser empreendida seja capaz de dar conta da complexidade deste tipo de texto da contemporaneidade, analisando-os a partir de suas características, relações e especificidades.

Ao partir da Semiótica Discursiva, tal ação persegue o sentido ou o percurso gerativo do sentido, preocupando-se em categorizar e sistematizar os elementos constituintes destas materialidades bem como seus propósitos no jogo comunicativo jornalístico, a saber, a informação.

É preciso enfatizar, no entanto, que mesmo considerando o texto em sua totalidade, tal como prevê qualquer metodologia de inspiração semiótica, não é possível a esta análise esgotar todas as acepções em torno deste tipo de produção, em razão de que se estabelece, ao longo do processo, determinadas categorias operacionais e características expressadas pelo próprio objeto em análise, com vistas a descrição de alguns aspectos (ou especificidades) que se organizam em níveis e/ou etapas, dispostos em procedimentos analíticos sequenciais.

Com este propósito geral, tornam-se também **objetivos** mais **específicos** desta investigação ações que permitam a proposta metodológica:

- (1) a verificação das relações que se estabelecem entre o espaço midiático em geral (incluindo outras mídias), a programação (quando for emissora) e os outros produtos da plataforma analisada;
- (2) o exame das condições de produção e reconhecimento entre o produto analisado e a plataforma a que pertence;
- (3) a análise das especificidades do jornalismo em jogo nas relações entre instâncias produtoras e receptoras a partir do texto-produto jornalístico televisivo;
- (4) a descrição da organização narrativa e enunciativa em nível discursivo;

- (5) a análise das relações estratégia discursiva/mecanismos expressivos e dos efeitos de sentido produzidos a partir de tais relações.

5. Metodologia

5.1 - Amostragem:

A proposta metodológica será testada numa amostragem composta de 12 (doze) textos jornalísticos televisivos, pertencentes a três plataformas diferentes sendo dois canais (televisão e Youtube) e três aplicativos (Facebook, Twitter e Snapchat).

5.2 - Procedimentos:

Para elaborar a proposta metodológica de análise das produções jornalísticas televisivas em diferentes plataformas, propõe-se um roteiro de trabalho que contemple os seguintes procedimentos:

- (a) Preparação de uma proposta metodológica inicial que não só considere as premissas já desenvolvidas em pesquisas anteriores como também agregue os dados e elementos encontrados na etapa de revisão bibliográfica;
- (b) Seleção de uma amostragem de 12 (doze) textos jornalísticos televisivos pertencentes a plataformas diferentes, a saber computador, celular, televisão convencional (aberta e fechada) em canais e aplicativos de grande utilização na sociedade contemporânea: (2) Youtube; (2) Facebook; (2) Twitter; (2) Snapchat; (4) Televisão (2 canal aberto, 2 canal fechado);
- (c) Determinação dos detalhes que merecem ênfase para constituírem-se em categorias ou níveis de análise desses grupos de textos jornalísticos televisivos;
- (d) Aplicação e testagem da metodologia ensaiada nos textos dos cinco grupos;
- (e) Teste-diagnóstico em torno dos resultados obtidos na aplicação da metodologia, com vistas a detectar se há ou não falhas no roteiro/modelo metodológico;
- (f) Ajustamento da metodologia operando mudanças, reformas ou proposições complementares necessárias à eficácia do sistema metodológico em desenvolvimento, a partir dos resultados da análise crítica do teste-diagnóstico;
- (g) Resubmissão dos textos jornalísticos televisivos à metodologia de análise em teste e com as alterações realizadas, caso elas existam.

5.3 - Etapas da pesquisa:

- I- Revisão bibliográfica sobre diferentes propostas metodológicas de análise de textos jornalísticos televisivos, considerando a recuperação histórica destas publicações e a demarcação, a ser estipulada posterior, de um período a ser estipulado para integrar o estudo.
- II- Proposição preliminar de uma proposta de análise dos textos jornalísticos televisivos com vistas a estudar o processo de produção de sentido e os aspectos de inovação (linguística ou tecnológica) contidos nestes produtos objetivando contribuir para os processos produtivos da notícia neste tipo específico de produção.
- III- Seleção da amostragem, ou seja, os textos jornalísticos televisivos a serem submetidas à análise e a definição dos aspectos que deverão ser enfatizados em tal descrição, e das categorias ou níveis operacionais que permitirão enfrentar e dar conta desses aspectos em destaque.
- IV- Execução da proposta metodológica à análise dos materiais que foram selecionados.
- V- Aplicação de um teste-diagnóstico que prevê a análise aprofundada dos defeitos/problemas encontrados na execução da proposta metodológica.
- VI- Reformulação e/ou complementação da proposta metodológica, acompanhada de sua testagem na amostragem selecionada.
- VII- Preparação de artigos e outros tipos de papers acadêmicos para a publicação em diferentes espaços divulgando os resultados da pesquisa nos dois primeiros anos e, no último ano além dos artigos também se prevê o desenvolvimento dos originais de um livro, sendo que todas essas publicações poderão ser apresentadas como relatório parcial (1º e 2º ano parcial e 3º ano final).

5.4 - Cronograma:

ANO	2017					2018											
Mês	8	9	10	11	12	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Etapa																	
I	■	■	■														
II	■	■	■	■	■	■	■										
III						■	■	■	■	■	■	■	■	■			
IV						■	■	■	■	■	■	■	■	■	■		
V															■	■	■
VI															■	■	■
VII															■	■	■

ANO	2019												2020						
Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	1	2	3	4	5	6	7
Etapa																			
I																			
II																			
III																			
IV																			
V																			
VI																			
VII																			

6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os apontamentos a serem desenvolvidos nesta secção são fruto da articulação de diferentes resultados obtidos nas pesquisas anteriormente realizadas.

Na atualidade, o telespectador pode escolher entre vários telejornais, em diferentes emissoras e formatos, com perspectivas de aprofundamento, dramatização, sensacionalismo, superficialidade. Ou, ainda, somente as notícias que quer ver, com a oferta de telejornal **a la carte** e a sua exposição direta ou não pela web. Há também telejornais conectados à internet nos quais os internautas podem opinar sobre as notícias que estão sendo apresentadas durante a sua exposição em forma de textos que correm na parte inferior da tela, entre outras propostas de adequação às novas possibilidades de interatividade.

Há alguns anos que os pesquisadores em televisão, principalmente aqueles que se dedicam a tevê aberta, escutam afirmativas sobre a morte da televisão ou do telejornalismo. Mas o que o contexto social vem mostrando é o contrário, é o fortalecimento dos modelos produtivos da televisão ampliando seus espaços de interlocução com outros suportes. Nestes outros suportes, como as regras são de certa forma mais flexíveis, surgem experimentos interessantes e que causam uma espécie de pressão sobre os meios mais estratificados e regradados, como o sistema de televisão aberta. Por isso é importante observar, de modo mais efetivo, produtos exibidos não só na televisão (aberta e fechada, nacional e internacional) quanto em outras plataformas, com vistas a entender a estruturação e os elementos de inovação nestes espaços, suas similaridades e, principalmente, diferenças. Pois, se a televisão está presente em quase todo o processo expressivo deste novo milênio, a exigência pela inovação dos processos torna-se premente e, estas análises

ses são uma forma de contribuir para entender essas relações ou a função das inovações nestes novos suportes de exibição.

Assim, enfatiza-se a necessidade de domínio técnico dos instrumentos, equipamentos ou softwares que permitem implementar e incrementar a narrativa dos textos jornalísticos televisivos; aliada a compreensão sobre seus efeitos de sentido, ou seja, de que forma cada elemento inovador vai contribuir para narrar as histórias do mundo que hoje se relaciona no âmbito da hiperconexão. As pesquisas anteriores mostraram que alguns destes materiais, ao se utilizar de falsa realidade com cenário virtual para produzir uma perspectiva de presença da equipe em tempo real num local em que ela não está fisicamente, o resultado da estratégia pode ser interessante do ponto de vista técnico, da novidade, mas pode, em contrapartida, comprometer o que há de mais caro ao jornalismo de televisão, o efeito de credibilidade e de verdade que o caracteriza. Outro exemplo que a pesquisa realizada comprovou foi o de materiais que ao tratar um tema complexo e extramente delicado, como violência doméstica, com uma narrativa cheia de gírias, gráficos e com condução fluída com o objetivo de se aproximar da fala comum e do receptor, produziu um efeito de sentido de diversão, trazendo leveza para um tema de extremo sofrimento, banalizando a dor do outro. Os modelos e processos inovadores devem ser empregados no telejornalismo, mas eles precisam estar a serviço da essência do jornalismo, respeitando sua função social, potencializando a atuação em prol da produção do conhecimento, do desenvolvimento cultural e do acesso ético e democrático à informação.

Por essas e outras questões e diante deste contexto de quase uma ausência de fronteiras entre o que é de fato o jornalismo e outros modelos de narrativas do real bem como a complexidade e a hibridação dos materiais que surgem na sociedade fruto desta digitalização e barateamento dos processos e do acesso, é que se faz fulcral estudar as produções jornalísticas televisivas produzidas para diferentes telas e distribuídas em diferentes plataformas, para compreender a função das modalidades de inovação por elas trazidas, omitidas ou subsumidas e seus impactos nessas produções e no jornalismo de forma geral.

Em outra direção, com a complexidade produtiva deste tipo de produção é imprescindível propor aparatos teórico-metodológicos que permitam enfrentar estas modificações incessantes de formas expressivas dos conteúdos de referência do jornalismo, qual seja, a realidade e o cotidiano da sociedade. Não está encerrada a questão para a-

queles analistas que buscam compreender as diferenças trazidas não só pela linguagem quanto pela tecnologia e pela inovação.

Assim, os estudos sobre o jornalismo que aqui se propõe querem verificar mais do que “o que faz de todo texto um texto”, mas os elementos específicos que definem um determinado tipo de texto e, mais ainda, aprofundar nesta especificidade e verificar como ele faz para alcançar seus objetivos, ou seja, “como faz para dizer o que diz”. Não obstante, há um campo ainda a ser explorado no que concerne ao telejornalismo haja vista as definições demasiado simplificadas e ortodoxas que se adotam para diferenciar o jornalismo televisivo de outras produções.

Diante desta contextualização, há também uma necessidade premente de revisão de questões teóricas e metodológicas que são fundantes ao jornalismo, mas que estão em xeque no momento em que o campo acadêmico aponta para uma crise conceitual e o mercado profissional para a morte dos fazeres pragmáticos. Nessa direção, também a articulação entre a Teoria Semiótica Discursiva e os Estudos do Jornalismo para Telas se apresenta como um desafio tendo em vista que a Semiótica tem uma larga tradição ortodoxa que talvez tenha que abrir mão, para olhar para a produção do campo do jornalismo. Enfrentar este desafio significa ensaiar e testar novas proposições analíticas que possam de fato estudar estas novas configurações e contextos híbridos e hiperbólicos dos objetos da contemporaneidade. Entre eles, as produções jornalísticas televisivas distribuídas em diferentes plataformas e suportes narrativos.

Não obstante, cabe também apresentar, um pouco mais, a teoria Semiótica Discursiva, que embasa toda a perspectiva de investigação que se propõe e da qual já se tem resultados de pesquisas anteriores. As relações de compreensão do ser humano com o mundo, para com as coisas do mundo, perpassa pela comunicação. Como propõe Watzlawick et al (1967), tudo comunica, não é possível não se comunicar e este é o primeiro axioma da comunicação. Analisando a palavra **Comunicar** que tem em sua definição **difundir/divulgar informações sobre si para o mundo, apresentar-se e ser interpretado por qualquer um que esteja presente**, pode-se dizer que o comunicar, a comunicação é uma ação contínua. Esta comunicação só se efetiva se este “qualquer um que esteja presente” receba e interprete as mensagens emitidas. Essas mensagens são construídas a partir de códigos comuns que, em suma, trata-se da própria constituição da linguagem. Assim, pode-se afirmar que se **todas as coisas do mundo tem sentido é através das mensagens de códigos comuns que elas passam a ter sentido, também,**

para nós. Vemos, então, as coisas do mundo e, tudo o que nos cerca, a partir de determinados rótulos, categorias, sistemas, estruturas e as interpretamos com a ajuda de nossas vivências, nossas experiências. Assim o é, também, com as imagens, as produções audiovisuais que são, por essência, elementos complexos, pois agregam diferentes linguagens.

Para PIETROFORTE (2007), podem-se distinguir três abordagens da Semiótica: 1) a doutrina dos signos de Charles Sanders Peirce, 2) o formalismo russo e, 3) a teoria da significação desenvolvida por Greimas que não enfatiza as relações entre os signos, mas *o processo de significação capaz de gerá-los* (p.07). Assim, a semiótica visa elaborar uma teoria da significação que possa dar conta não só das línguas, mas também, de todas as linguagens e, para tanto, se propõe a analisar as crenças, sentimentos e atitudes que cada sociedade adota frente às suas linguagens, partindo dos efeitos de sentido produzidos pelas “coisas” do mundo. Nesse contexto, preocupa-se com o *sentido* e o processo de produção do sentido; parte do pressuposto de que a *produção de sentido* deve ser o objeto de uma análise estrutural que tem por horizonte a organização que o homem social faz de sua experiência.

La semiótica no puede quedarse en el estudio de las manifestaciones superficiales. Tiene que averiguar las estructuras profundas. Lo visible y, en general, todo lo perceptible, sólo es un iceberg de la auténtica realidad. Descubrir las estructuras formales es limitarse a la comprensión parcial. La semiótica es la ciencia de la totalidad y de la profundidad. Interesa la vida latente de la realidad. Al explorarla desvelamos también el sentido manifiesto. (HERREROS, 1978, p.25).

A Semiótica Discursiva surge da mobilização de diferentes concepções teóricas: pela Epistemologia e pela Teoria da Linguística, através de proposições de Saussure⁴, Hjelmslev⁵ e Benveniste; pela Antropologia fundada em Durkheim, Mauss, Lévi-

⁴ Ferdinand de Saussure foi um acadêmico bem-sucedido. Nasceu em 1857, estudou em Leipzig, na Sorbonne (em Paris) e, também, lecionou indo-europeu e linguística geral na Universidade de Genebra. Considerado o fundador da Linguística moderna tendo influenciado o desenvolvimento dos princípios básicos do estruturalismo semiótico e filosófico. Porém, morreu em 1913, deixando uma obra inacabada sobre a teoria geral da linguagem e dos sistemas sógnicos que foram difundidas em apenas três cursos ofertados entre 1907 e 1911. O livro **Curso de Linguística Geral**, uma referência, foi fruto das anotações dos alunos durante as aulas de Saussure. A maior contribuição de Saussure para a Semiótica está no projeto de uma teoria geral dos sistemas sógnicos – o projeto Semiologia.

⁵ Louis Hjelmslev nasceu em 1899 e desenvolveu uma exitosa trajetória na Escola de Copenhague onde fundou uma escola radical de linguística estruturalista, a Glossemática. Na concepção da Glossemática, a linguagem aborda tanto as linguagens “linguísticas” quanto as “não linguísticas” e, por isso, tornou-se um importante campo de estudos da semiótica. Hjelmslev morreu em 1965, mas deixou como legado à semiótica geral um modelo sógnico e linguístico além dos conceitos de estrutura, sistema, texto e a teoria da conotação.

Strauss e Dumézil e, a partir desta concepção, constrói uma inter-relação com a hermenêutica advinda de Paul Ricoeur, com a Pragmática e a Teoria dos Atos da Linguagem de Austin e Searle, como também com a vertente que opera com a metodologia etnográfica oriunda de Goffman. Mas, para a proposição metodológica apresentada neste artigo, interessam autores mais específicos como Saussure, Hjelmslev e Greimas, pois, é a partir deles que se fundamenta o percurso metodológico de base aplicado pelo GIPTele.

Partindo de Saussure, a Semiologia era um projeto de uma futura ciência dos sistemas sígnicos que o linguista conseguiu colocar dentro do sistema geral das ciências. Trata-se do estudo do signo linguístico: uma estrutura bilateral, bifacial ou diádica, que compreende dois constituintes: significante e significado. Para o autor, signo é a combinação do **conceito** e da **imagem acústica** – que é como uma folha de papel que tem dois versos: um desses lados é o conceito, o outro a imagem acústica: *O pensamento é o anverso e o som o verso, não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro*, (Nöth:1996, p.31).

Assim, para Saussure, nada existe (estruturalmente) além do significado e do significante, operando inteiramente no sistema semiótico e excluindo totalmente o objeto de referência como um elemento em sua semiologia. Autores que se seguiram buscaram ampliar as concepções iniciais de Saussure, partindo da observância de alguns problemas no que ele havia proposto. Por exemplo: 1) a limitação do modelo diádico – porque se centralizava arbitrariamente no texto sem considerar o que estava fora dele; 2) a centralidade dos estudos de Saussure na língua falada e a sua negligência para com a língua escrita; 3) o engessamento do Estruturalismo empregado (considerado estático), o que vai fazer com que Roman Jakobson proponha, mais tarde, um estruturalismo dinâmico; 4) a concepção de natureza arbitrária e puramente diferencial do signo, ou seja, estruturas semióticas que originam ideia apenas pela oposição e diferença sem ter relação uma com a outra.

Um destes teóricos foi Louis Hjelmslev que adotou a dicotomia proposta por Saussure, mas ampliou o conceito para dizer que significante e significado são indissolúveis e que eles cobrem a totalidade do texto, definindo-os, então, a partir dos planos da linguagem. **Significante** e **Significado** passam a ser chamados pelos termos Expressão e Conteúdo e são definidos como Planos do Signo. O **significado** refere-se, então, ao plano de conteúdo, um conceito resultado de uma construção cultural, um conjunto dos possíveis sentidos que um signo pode ter. E, **significante**, os elementos que torna-

ram possível compreender ou estabelecer o significado (sistema de significação) como um dos dois planos constitutivos de toda e qualquer semiótica, refere-se, então, ao **plano de expressão**. Para Hjelmslev, só a relação de pressuposição recíproca (ou solidariedade) define respectivamente os dois termos em jogo – significante e significado. Nesta direção, **signo**, para Hjelmslev, é uma unidade do plano da manifestação constituída pela função semiótica, isto é, pela relação de pressuposição recíproca (ou solidariedade) que se estabelece entre grandezas do plano da expressão (do significante) e do plano de conteúdo (do significado), no momento do ato de linguagem. Como definição operatória, o signo seria o material primeiro ou o suporte graças ao qual qualquer semiótica, enquanto forma, se encontra manifestada. E aqui, cabe ressaltar o conceito de **semiose**, que é o mesmo que função semiótica; é a operação que, ao instaurar uma relação de pressuposição recíproca entre a **forma da expressão** e a do **conteúdo** produz signos. Qualquer ato de linguagem é, então, uma **semiose**.

Para Hjelmslev, a língua é um sistema de relações, um *sistema de figuras (não-signos), que, ao se combinarem, produzem signos*⁶, o que confere ao signo uma mobilidade, pois o concebe como uma *unidade de configuração*, aberta e em permanente construção/movimento, sendo sua base o texto, considerado um sistema cujos componentes podem ser analisados até as últimas consequências. Partindo-se da noção de sistema como *conjunto de relações de diferenças e semelhanças que definem os possíveis implicados na organização efetiva do objeto analisado*⁷. A publicação mais importante do autor para a semiótica é **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**, de 1942, onde postula que Semiótica é a ciência das formas (ou estruturas), advinda de Saussure, assim, **Plano de Expressão** e **Plano de Conteúdo** são estratificados em forma e substância semiótica, o que produz quatro extratos do signo: forma de conteúdo, forma de expressão; substância de conteúdo e substância de expressão. De forma mais explicativa, o **Plano de Expressão** engloba os elementos que dão conta dos **modos como se diz** um tema e, o **Plano de Conteúdo**, é o **que se diz**, o tema, propriamente dito. Outra importante colaboração de Hjelmslev foi a introdução do conceito de conotação⁸ para com-

⁶ HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1974, p.09.

⁷ FLOCH, Jean-Marie. **Petite mythologie de l'oeil et de l'esprit: pour une sémiotique plastique**. Paris: Éditions Hadés-Benjamins, 1985.

⁸ Mas foi Roland Barthes quem ampliou e introduziu esta proposição no âmbito da semiologia, propôs a noção de várias ordens de significação (níveis de sentido): a primeira ordem de significação é a denotação (um signo é composto por um significante e por um significado); a segunda ordem de significação é a conotação (usa-se o primeiro signo — significante + significado — como significante ao qual se acrescentam outros significados).

preender ou explicar a capacidade que qualquer signo linguístico tem de receber novos significados, que se aderem ao sentido original, pois, para o autor, o signo conotativo é um signo cujo plano da expressão é uma semiótica.

Inspirando-se em Hjelmslev, Calabrese utiliza-se da noção de *figuras* como *manifestações históricas dos fenômenos*, ou seja, as considera como *o modo concreto de os textos se manifestarem*⁹, independente de suas estruturas mais abstratas que regulam seu mecanismo de aparição, mas que podem ser analisadas através da identificação das categorias, as unidades mínimas do plano da expressão e do conteúdo, presentes no texto. Esta perspectiva fundamenta uma ferramenta importante na análise dos produtos tele-jornalísticos: a decupagem, item que será explicado mais adiante.

O maior desenvolvimento aplicativo da Semiótica Discursiva ocorreu com Algirdas Julien Greimas¹⁰ que, junto com a **Escola de Paris**, ampliou os estudos e análises de textos de diferentes gêneros e suportes materiais, tais como a arte, a imagem, a publicidade, a imprensa, a literatura, o discurso jurídico e o científico, estudos sobre a mitologia, a política, a música, etc. Também tratou outros aspectos os quais inseria numa Semiótica Sincrética que teria como objeto, por exemplo, os espetáculos em geral.

O núcleo central da proposição de **Greimas** é o **estudo do discurso** com base na ideia de que **uma estrutura narrativa se manifesta em qualquer tipo de texto**. Para chegar a suas proposições, o autor buscou inspiração no Estruturalismo Linguístico de Hjelmslev, na Antropologia Estrutural de Lévi-Strauss, na Teoria Formalista do Conto de Propp e na Teoria das Situações Dramáticas de Etienne Souriau. Greimas tenta aplicar métodos de pesquisa da linguística estrutural à análise de textos que são, para ele, discursos. Postula uma proposta de que a semiótica não seja a teoria dos signos, mas, sim, da significação e desenvolve o que define como Percurso Gerativo do Sentido que tem como objetivo explicar a geração de discursos de qualquer sistema semiótico. Para tanto, distinguiu três áreas de análise: 1) estruturas sêmio-narrativas (aquelas que descrevem uma competência de combinar estruturas semânticas e sintáticas à base de uma gramática fundamental do discurso); 2) estruturas discursivas (aquelas que têm a função

⁹ CALABRESE. Omar. **A idade neobarroca**. São Paulo: Cultrix, 1987, p. 30 e p. 40.

¹⁰ Nasceu em 1917. Em 1966, no livro **Semântica estrutural**, produziu uma proposta semiótica estruturalista em seu princípio, mas produtiva e influente a ponto de ser o núcleo de formação da escola de estudos semióticos conhecida como **Escola de Paris**. Embora tenha alcançado grande aprofundamento teórico, Greimas sempre definiu suas ideias como um projeto. O semioticista faleceu em 1992 deixando um enorme legado para os estudos da semiótica fundada na centralidade do discurso.

de trazer as estruturas superficiais ao discurso; e, 3) estruturas textuais (aquelas que são estruturas da substância da expressão).

Para Greimas, o sentido é o conceito chave, o sentido articulado, portanto, está em oposição ao sentido que é aquilo que é anterior à produção semiótica, sendo assim, significações não existem como elementos autônomos, mas somente por relações de oposição. A origem da significação é definida como uma relação elementar constituída pela diferença entre dois termos e, com base nesta premissa, o autor apresenta a proposta metodológica do **quadrado semiótico** que consiste na representação visual da articulação lógica de qualquer categoria semântica. Partindo da noção saussureana de que o significado é primeiramente obtido por oposição ao menos entre dois termos, que constitui uma estrutura binária (Jakobson), chega-se ao quadrado semiótico por uma combinatória das relações de contradição e asserção. Ao se pensar nesta perspectiva, embora não se aplique rigorosamente a formulação do quadrado semiótico, ele inspira na organização das categorias e no aprofundamento da observação sobre o objeto analisado, pois permite colocar em jogo as diferentes instâncias de interpretação advindas do objeto e seu contexto.

Como se pode perceber a partir do que foi exposto, é que a Semiótica Discursiva tem um forte viés interdisciplinar e, por isso, consegue atuar com eficiência na análise dos objetos pertencentes ao campo das ciências humanas e sociais e, as experiências desenvolvidas já permitem dizer que, também, no campo do Telejornalismo. Retomando, então, a perspectiva do conceito da Semiótica pode-se compreender que ela é a ciência que se ocupa de investigar todas as linguagens, ou seja, propõe-se ao *exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção e de significação de sentido* (SANTAELLA: 1983, p. 15).

A **Semiótica Discursiva** propõe-se a ser uma Teoria Geral do Sentido bem como uma metodologia operatória para a descrição dos discursos e das práticas sociais. Estudar, portanto, o Telejornalismo a partir do olhar semiótico é considerar seu modo de produção e de geração de sentido, a maneira/forma que este se constrói para provocar significações e interpretações.

Em etapa de pesquisa anterior desenvolveu-se alguns conceitos operacionais para testagem no campo de pesquisa em telejornalismo haja vista a simplificação dos mesmos e sua incompletude para definir os objetos jornalísticos televisivos da atualidade. Um primeiro desafio que se apresentou aos estudos sobre o campo do Telejornalis-

mo apareceu quando ao se recorrer à bibliografia de base do telejornalismo não se encontrou, efetivamente, conceitos de referência que pudessem, realmente, contribuir para estruturar uma teoria do campo. Assim, do ponto de vista teórico, tratou-se de propor **conceitos operacionais e colocá-los em ação, aplicá-los**, numa perspectiva de pensar em estabelecer um **constructo teórico** do TELEJORNALISMO, este jornalismo para telas.

Diante da complexidade dos aparatos em jogo, o próprio termo Telejornalismo precisou ser repensado a luz dessas novas possibilidades tecnológicas e, por consequência, das novas possibilidades de narrativas televisuais. Assim, fundado no trabalho desenvolvido por EMERIM (2015) no Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele), têm-se trabalhado com um conceito operacional em torno do Telejornalismo ampliando seu escopo de compreensão.

O termo *telejornalismo*, como se apontou, tem sido definido como o *jornalismo* produzido **para e pela televisão**, pois, na época de seu surgimento, se definia as imagens pelo seu suporte, porque os suportes teriam características definidas e cujas fronteiras expressivas eram passíveis de delimitação (CineJornalismo – cinema; FotoJornalismo – fotografia, etc.). Porém, com esta profusão de possibilidades narrativas, o intenso processo de hibridação das produções contemporâneas e o surgimento de novos suportes advindos da digitalização das imagens, das tecnologias de captação e, principalmente, de transmissão de dados a distância (entre eles imagens), muda a concepção restrita do conceito voltado apenas à televisão.

O prefixo TELE pode ser problematizado a partir da concepção de telas e, não apenas, especificamente, à tela televisiva, entendendo por TELA, *um nome mais genérico para designar superfície (quadro, material refletivo) para a projeção (frontal ou traseira) de imagens* (EMERIM; FINGER; CAVENAGHI, 2015, p.03). Articulando os termos Tele (modelo de transmissão de dados a distância) com Jornalismo pode-se ter uma noção de produções realizadas para uma distribuição *para e/ou ao longe*, transmitido para lugares distantes mais do que apenas num tipo de tela de visão. Da forma que se pode propor:

(...) Tele + Jornalismo seria um jornalismo feito para ser distribuído para e/ou ao longe, ou ainda, transmitido para lugares distantes (...) ***Telejornalismo é (...) um jornalismo para as telas, incluindo televisão, computador, smartphone, celular, tablets ou os demais dispositi-***

tivos e suportes que se utilizem de uma tela de visão ou de uma tela refletiva para exibir dados. (EMERIM, FINGER, CAVENAGHI, 2015, 04 (ANAIS SBPJor 2015)).

E, assim considerado, pode-se também trazer outros conceitos operacionais que foram sendo propostos ao longo do tempo e que são quase consensuais, mas necessitam de revisionamento.

O segundo que se propôs revisionar foi o conceito de telejornal, o programa mais tradicional e que caracteriza a própria produção telejornalística. Embora seja necessário enfatizar que o **jornalismo de televisão não está restrito ao telejornal**¹¹, existem muitos **outros programas de formatos diferentes que informam** e operam com a referência direta com o real, cujas temáticas são, fundamentalmente, a apresentação ou a repercussão de fatos, acontecimentos e ações de pessoas que tem referência direta com o mundo real, são, portanto, telejornalismo, mas não necessariamente, um telejornal. Acredita-se que o **formato telejornal** é um tipo específico de produção de informação para a tevê que prima pela apresentação de notícias, sem, contudo, preocupar-se em emitir, diretamente, opiniões e/ou interpretações sobre os fatos narrados e que repete um padrão narrativo que o identifica e conforma. O primeiro conceito resultado destas investigações definiu por **telejornal um programa que reúne uma seleção de notícias organizadas em blocos, por temas, geralmente exibido com horário, cenário e apresentadores fixos**. Ampliando o conceito, têm-se um **Telejornal** pode ser entendido como **um programa que reúne notícias que tenham repercussão e abrangência para um público eclético cujas temáticas selecionadas têm o objetivo de resumir os principais fatos e acontecimentos das últimas horas**.

Outro conceito operacional importante que as pesquisas puderam trazer à compreensão refere-se ao termo **Transmissão direta** que se entende por **àquele tipo de transmissão dos acontecimentos que se dá ao vivo, sem cortes e em tempo real, com exibição em tempo simultâneo à ocorrência do acontecimento**¹². Esta definição permite compreender a natureza da produção televisiva de notícias e de que modo ela se estrutura no nível discursivo.

¹¹ Sobre este tema ver artigo publicado em 2011, pela autora, em parceria com o professor Dr. Antonio Brasil, intitulado disponível em http://analisedetelejournalismo.files.wordpress.com/2011/08/brasil_emerim.pdf

¹² Sobre este tema ver artigo publicado em 2011, pela autora, em parceria com o professor Dr. Antonio Brasil, intitulado *Coberturas em Telejornalismo*, disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1276-1.pdf> e, em outro artigo, publicado pela autora em conjunto com a Mestre Beatriz Cavenaghi, intitulado *Cober-*

Ainda outro conceito trabalhado a partir das pesquisas empreendidas foi o de **Cobertura em Telejornalismo**, pois, como prática comum na mídia contemporânea permitiu entender a importância e/ou relevância de um fato/acidente conforme sua exibição na mídia tevê. Assim, **uma grande cobertura pode remeter a um tipo de trabalho jornalístico que mostre um acontecimento em todas as suas perspectivas** ou, pelo menos, **as perspectivas possíveis de ser exibidas em televisão através da função jornalística. Uma cobertura grande**, por sua vez, **remeteria a um longo período de tempo em que este acontecimento permanecesse em pauta**. Porém, pode-se ter, também, **uma grande cobertura** – cuja temática é **desdobrada em profundidade e cobertura grande** – com um **longo período de permanência** na mídia. Ou seja, uma cobertura que além de muito aprofundada possa, também, durar muito tempo.

Estes conceitos foram se desenvolvendo e prospectando um outro aspecto desafiador da produção televisiva remetendo aos modos produtivos discursivos, os modelos de estrutura em exibição: a noção de segmento. Segmentação televisiva pode ser entendida como **o conjunto de operações discursivas que evidencia as unidades próprias constituintes de um produto permitindo o reconhecimento de suas partes e categorias internas** e, conseqüentemente, **a definição de suas funções em cada nível da linguagem televisiva**. É preciso aplicar a premissa teórica nos objetos de estudo para compreender **os níveis de segmentação** a que eles estão submetidos e, por isso, para definir um programa ou um produto televisivo como segmentado não basta apenas compreender a **emissora** (de canal aberto, fechado ou internet) e o **público** (ou telespectador presumido tal como o compreende VIZEU: 2005) para o qual se irá direcionar a produção, mas, compreender a) o tratamento discursivo, b) o próprio texto televisivo empregado nesta produção que pode dizer, com mais pertinência, se é ou não um produto segmentado; que nível ou instância de segmentação ele articula e se define enquanto produto. Chega-se, então, ao conceito de **Telejornal Segmentado**¹³ como **um programa que reúne uma seleção de notícias que recebem tratamento discursivo direcionado para um segmento específico que é definidor de toda a articulação e produção de seus elementos de conteúdo e expressão**. Porém, no contexto de hipérbole, de

turas ao vivo em telejornalismo: propostas conceituais, disponível em <http://soac.unb.br/index.php/ENPJor/XENPJOR/paper/view/1699>.

¹³ Sobre este tema ver artigo publicado em 2013, pela autora, em parceria com o professor Dr. Antonio Brasil, intitulado *Hipersegmentação: pensando o conceito de telejornal na convergência*, disponível em <http://soac.unb.br/index.php/ENPJor/XIENPJOR/paper/view/2625/585>.

exagero das concepções adotados pelas mídias antes do esgotamento dos produtos, têm-se que pensar numa prospecção mercadológica que vem construindo um produto definido por **telejornal hipersegmentado**¹⁴ que foi necessário estudar e propor um conceito operacional, sendo assim, por **telejornal hipersegmentado** entende-se um **programa que reúne uma seleção de notícias organizadas por núcleos temáticos** e cujo **tratamento discursivo condiciona a pré-existência de unidades mínimas** permitindo o **reconhecimento de suas partes e categorias internas para redes de interesse direcionado**.

Todos estes conceitos operacionais estão em aplicabilidade no campo dos estudos em Telejornalismo e partiram da concepção da Semiótica Discursiva, na articulação e no emprego dos processos de geração de sentido obtidos a partir do uso do quadrado semiótico, como proposta de análise dos termos. O objetivo foi o de buscar uma compreensão sobre suas possibilidades de sentido e colocar em uso e testar sua operacionalidade e eficácia.

Por tudo que já foi aqui defendido é que se propõe esta pesquisa com o objetivo claro de contribuir para cientificar o estudo do jornalismo de televisão como um jornalismo para telas e que se permite a ser compreendido no contexto atual como um telejornalismo em diferentes plataformas cujos aparatos teóricos metodológicos carecem de reaviosamento e de aprofundamento.

7. Resultados esperados

Quanto aos resultados pretendidos pela pesquisa, eles são de diferentes ordens: (1) complementação da proposição teórico-metodológica de análise do processo de geração de sentido do texto-produto jornalístico televisivo contemporâneo; (2) organização do material produzido pela pesquisa com vistas a diferentes publicações (livros individual e coletivo) reunindo resultados da pesquisa; (3) redação de artigos para publicação: sobre a produção jornalística televisiva (do ponto de vista histórico, da tecnologia, da linguagem e da inovação) em diferentes plataformas; sobre a elaboração de conceitos operacionais do campo do jornalismo televisivo; sobre metodologia de análise da produção jornalística televisiva em diferentes plataformas; (4) elaboração de trabalhos para serem apresentados em congressos da área: (Intercom (nacional e regional), SBP-

¹⁴ Idem.

Jor, Compós, Alaïc e outros); (5) construir aportes metodológicos que possam servir aos orientandos de pós-graduação, iniciação científica e graduação que trabalham com produção jornalística televisiva; (6) contribuir para o fortalecimento dos estudos sobre o jornalismo para as telas e a própria mídia televisão.

Como resultado primordial, espera-se contribuir para a efetivação do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina como um espaço de referência nos estudos de Jornalismo de Tele-visão, ou, Jornalismo para Telas, ou ainda, do Tele-Jornalismo bem como para a produção de pesquisa coletiva e focada na epistemologia do jornalismo enquanto área de conhecimento autônoma.

8. Referências Bibliográficas

1. BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
2. BECKER, Beatriz. *Televisão e Telejornalismo: Transições*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.
3. CALABRESE, Omar. *A idade neobarroca*. Lisboa: Edições 70, 1987.
4. _____. *El lenguaje del arte*. Barcelona: Paidós, 1987.
5. _____. *Los juegos de la imagen*. Bogotá: Instituto Italiano de Cultura, 1995.
6. CARLÓN, Mario. *Do cinematográfico ao televisivo – metatelevisão, linguagem e temporalidade*. Trad. Cecília Prada. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2012.
7. _____ (orgs.); FECHINI, Yvana. *O fim da televisão*. Trad. Diego Andres Salcedo. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014.
8. CASETTI, Francesco & DI CHIO, Federico. *Análisis de la televisión: instrumentos, métodos y prácticas de investigación*. Barcelona: Paidós, 1999.
9. CHARAUDEAU, Patrick. *Le discours d'information médiatique: la construction du miroir social*. Paris: Nathan, 1997.
10. DUARTE, Elizabeth Bastos. *Televisão: ensaios metodológicos*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
11. EMERIM, Cárlica (org.). *Pesquisa em Telejornalismo: resultados e experiências*. Novo Hamburgo: Ed. FEEVALE, 2011.
12. _____. *As entrevistas na notícia de televisão*. Florianópolis: Insular, 2012.
13. _____. *Análise da narrativa televisiva: do programa ao texto*. In: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (orgs.). *Narrativas comunicacionais complexificadas*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.
14. _____. *Telejornalismo e Semiótica Discursiva*. In: VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). *Telejornalismo em questão*. Florianópolis: Insular, 2013.
15. _____. *Telejornal, tecnologia e narrativa no Brasil para os próximos 65 anos*. In: VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). *Telejornal e Praça Pública: 65 anos de telejornalismo*. Florianópolis: Insular, 2014.

16. _____. *Semiótica discursiva: aplicações na pesquisa em jornalismo*. In: SCÓZ, Murilo; VANDRESEN, Monique; RAMALHO e OLIVEIRA, Sandra (orgs.). *Proposições interativas – modos de produzir sentido*. Florianópolis: UDESC, 2016.
17. EMERIM, Cárilda; PAULINO, Rita. *Ensaio sobre Televisão e Telejornalismo*. Florianópolis: Insular, 2013.
18. FABBRI, Paolo. *El giro semiótico*. Barcelona: Editorial Gedisa, 1999.
19. _____. *La linguaggi della televisione*, In: *Il Grillo*, 28.1.1998.
20. _____. *Tácticas de los signos*. Barcelona: Editorial Gedisa, 1995.
21. _____; PEZZINI, Isabella. *Pinocchio: nuove avventure tra segni e linguaggi*. Milão: Mimesis Insegne Edizioni, 2012.
22. FLOCH, Jean-Marie. *Semiótica, marketing y comunicación: bajo los signos, las estrategias*. Paris: Paidós, 1993.
23. GREIMAS, A. *Semiótica figurativa et sémiotique plastique*. Besançon: C.N.R.S., 1984.
24. GREIMAS, A & COURTÈS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1989.
25. GREIMAS, Algirdas Julien. *Semiótica e ciências sociais*. São Paulo: Cultrix, 1976.
26. _____, *Del sentido II*. Madrid: Gredos, 1989.
27. HERREROS, Mariano Cebrián. *Introducción al lenguaje de la tele-visión: una perspectiva semiótica*. Madrid: Ed. Piramide, 1978.
28. HJELMSLEV, Louis. *Ensayos lingüísticos*. Madrid, 1972.
29. _____. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
30. ISAACSON, Walter. *Os inovadores- uma biografia da revolução digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
31. JOST, François. *Compreender a televisão*. Porto Alegre: Sulina, 2010.
32. _____. *Introduction à l'analyse de la television*. Paris: Ellipses, 1999.
33. _____. *La télévision du quotidien: entre réalité et fiction*. Paris: De Boeck Université, 2001.
34. KOULOPOULOS, Thomas M. *Inovação com resultado. O olhar além do óbvio*. Ed. Senac São Paulo, 2009.
35. LANDOWSKI, Eric. *Interações arriscadas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.
36. _____. *Presenças do outro*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
37. LAVAUD, Laurent. *L'image – textes choisis & présentés par*. Paris: Flammarion, 1999.
38. MACHADO, Arlindo. *Máquina e imaginário*. São Paulo: Edusp, 1996.
39. _____. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Senac, 2000.
40. METZ, C. et alii. *A análise das imagens*. Petrópolis: Vozes, 1983.
41. MUKAROVSKY, Jan. *Escritos sobre Estética e Semiótica da Arte*. Lisboa: Editorial Estampa, 1988.
42. NÖTH, Winfried. *Panorama da Semiótica: de Platão a Peirce*. São Paulo: Anna Blumme, 1996.
43. PIETROFORTE, Antonio Vicente. *Semiótica visual - os percursos do olhar*. São Paulo: Contexto, 2007.
44. RAMALHO e OLIVEIRA, Sandra. *Imagem também se lê*. São Paulo: Edições Rosari, 2009.
45. _____. *Diante de uma imagem*. Blumenau: Letras Contemporâneas, 2010.
46. _____ et alii (orgs.). *Proposições interativas – modos de produzir sentido*. Florianópolis: UDESC, 2016.

47. _____ et all (orgs.). *Desafios da pesquisa em design*. Florianópolis: UDESC, 2016.
48. REQUENA, Jesus Gonzalez. *El discurso televisivo: espetáculo de la posmodernidad*. Madrid: Cátedra, 1999.
49. SANTAELLA, Lucia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
50. SCOLARI, Carlos A.. *Narrativas transmedia – cuando todos los medios cuentan*. Barcelona: DEUSTO/Centro Libros PAPP, 2013.
51. SQUIRRA, S. e BECKER, V. (Orgs.). *TV Digital.BR: Conceitos e Estudos sobre o ISDB –Tb*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
52. VERON, E. *La semiosis social*. Barcelona: Gedisa, 1997.
53. _____. *Construir el acontecimiento*. Barcelona: Gedisa, 1987.
54. VILCHES, Lorenzo. *La lectura de la imagen: prensa, cine, televisión*. Barcelona: Paidós, 1984.
55. _____. *La televisión: los efectos del bien y del mal*. Barcelona: Paidós, 1993.
56. VIZEU, Alfredo. *O lado oculto do telejornalismo*. Florianópolis: Calandra, 2005
57. WATTS, Duncan J. *Tudo é óbvio – Desde que você saiba a resposta (como o senso comum nos engana) – Ed. Paz e Terra, 2011.*
58. WATZLAWICK et all, Paul. *Pragmática da comunicação humana*. São Paulo: Cultrix, 1967.
59. WOLFF, Michael. *Televisão é a nova televisão: o triunfo da velha mídia na era digital*. São Paulo: Globo, 2015.
60. YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.